

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MATHEUS BRANDÃO SANTANA

AS FACES DE AFRODITE
Do amor ao ódio

Rio de Janeiro
2019

MATHEUS BRANDÃO SANTANA

AS FACES DE AFRODITE

Do amor ao ódio

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Letras Clássicas, da Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, sob a orientação do
Prof. Dr. Rainer Guggenberger.

Rio de Janeiro, 2019

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	04
2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	05
3 - METODOLOGIA.....	07
4 - REPRESENTAÇÕES DE AFRODITE.....	08
4.1 – AFRODITE URANIA.....	09
4.2 – AFRODITE PANDEMIA.....	11
5 - DEUSAS CASTAS.....	14
5.1 – ATHENA.....	15
5.2 – ÁRTEMIS.....	17
5.3 – HÉSTIA.....	19
5.4 CONCLUSÃO DA ANÁLISE DAS DEUSAS CASTAS.....	20
6 - OS DOMÍNIOS DE ATHENA.....	20
7 - AFRODITE UNA.....	21
8 - AFRODITE E ÉROS.....	23
9 - CONCLUSÃO.....	25
10 - REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa estudar as representações da deusa do amor Afrodite, nas duas versões mais conhecidas de seu mito. Assim será analisada a versão da deusa através de seu mito na obra homérica, da mesma forma que a representação mitológica, de acordo com Hesíodo comparando-as com os *Hinos Homéricos* e com o *Banquete* de Platão.

Em base nisso, o presente trabalho investigará a causa de uma pressuposta coexistência de duas deusas Afrodite, a partir de o *Banquete* de Platão onde se observa como cada versão do mito apresenta uma deusa com uma personalidade distinta e a forma como as duas versões coexistem no senso comum da época. Na obra temos um simpósio, onde é discutido o que era o amor e qual seria sua utilidade. É explicitado que o amor não possui uma única faceta, assim, não poderia e não havia a possibilidade de que ele fosse apenas representado por apenas uma deusa de uma única face. Afrodite representaria portanto, uma deusa de múltiplas faces para atuar em todos os campos do amor.

E, porventura, o arrastara, colhendo, com isso, alta glória,
se o não tivesse Afrodite, a donzela de Zeus, percebido,
que fez romper-se a correia tirada de um boi morto à força.
O elmo vazio, as mãos fortes do herói, tão somente, acompanha,
que o fez rolar para o meio dos homens Aquivos, ornados
de belas grevas; os fidos consórcios depressa o acolheram.
Dá Menelau novo salto, disposto a matar o inimigo
com a lança brônzea; porém Afrodite dali - era deusa -
mui facilmente o afastou. Em espessa neblina envolvendo-o,
foi colocá-lo no tálamo odoroso e de enfeites ornado.
Passa a chamar logo Helena. Encontrou-a, realmente, num quarto
da torre excelsa, rodeada por muitas mulheres Troianas.
(*Ilíada* vs.373-385).¹

Esta pesquisa será pautada também nos *Hinos Homéricos*, obra que consiste em uma compilação de diversos hinos atribuídos antigamente à autoria de Homero, sendo três dedicados a Afrodite, que trazem em seu conteúdo uma representação de Afrodite como sendo filha de Zeus e Dione,

¹ É necessário registrar que todas as traduções utilizadas nesta pesquisa são retiradas das obras indicadas na bibliografia.

mas sua personalidade vulgar e vingativa é representada de forma amena com passagens que fazem referências a tradição hesiódica.

Assim, a partir destes hinos encontraremos uma representação do mito de Afrodite que dialoga com o mito de Afrodite Urânia e Afrodite Pandemia (como descrito por Platão), já que o objetivo deste estudo é analisar as duas versões da origem e da caracterização de Afrodite, a fim de concluir uma leitura que investiga as diferentes representações de Afrodite procurando estabelecer as diferenças e semelhanças entre elas a fim de aproximá-las.

Uma representação de Afrodite em uma linha tênue entre as duas versões citadas encontra-se na *Odisseia*, na qual Afrodite, Athena e Hera disputam pelo título de a mais bela deusa; e após Afrodite ser escolhida por Páris, a deusa de belos cabelos entregará o amor de Helena a Páris. O ato que pode ser considerado como uma tentativa de aproximar dois amantes causa a guerra entre gregos e troianos. Desta forma, Afrodite Pandemia que, de acordo com o *Banquete*, deveria retratar uma deusa preocupada somente com os prazeres carnavais, demonstra inclinação a conciliar os amantes, a partir do momento em que luta ao lado dos troianos protegendo Páris e Helena, como ocorre no canto III da *Ilíada* quando Páris desafia Menelau para um duelo no intuito de levar a guerra a um ponto final, no entanto o átrida vence e Páris sobrevive ao ser salvo por Afrodite.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para o seguinte projeto serão pesquisadas obras em que a representação da deusa do amor seja feita de forma singular, ou seja, explicitando se é retratada como Afrodite Urânia, quando sendo filha de Urano, ou Afrodite Pandemia, quando sendo filha de Zeus (seguindo a divisão platônica abaixo), e obras nas quais não seja possível definir a origem da deusa, assim como obras nas quais a deusa é retratada na sua dupla origem. Homero, por exemplo, apresenta Afrodite como sendo filha de Zeus e Dione (*Ilíada*, V, 370), enquanto Hesíodo introduz uma Afrodite nascida da espuma do mar no momento em que o pênis de Urano, mutilado por Cronos, tocou o mar (*Teogonia*, 188-206). Com o mesmo empenho serão analisados trabalhos de

helenistas que em mais de uma ocasião² realizaram estudos sobre a composição do panteão grego e a relação entre Afrodite Urânia e Afrodite Pandemia.

Desta forma, procuro analisar as semelhanças e diferenças que são cantadas nas duas versões destes mitos, para se entender se há de fato duas deusas Afrodite, sendo elas Afrodite Urânia e Afrodite Pandemia, ou se há apenas uma única deusa com duas origens possíveis, que representariam as diferentes faces da deusa na Grécia antiga.

Para estes estudos será utilizada como ferramenta de pesquisa o *Banquete* de Platão, obra em que se tem explicitado que há duas versões do mito. Assim sendo, temos “uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de Urano, e ela que chamamos de Urânia, a Celestial; a mais nova, filha de Zeus e Dione, chamamo-la de Pandemia, a Popular.” (Symp. 180e).

Também analiso a obra *Hinos Homéricos*, que traz em seu conteúdo uma representação de Afrodite como sendo filha de Zeus e Dione. Nesses hinos, no entanto, a deusa apresenta uma personalidade vulgar e vingativa representada de forma amena. Na obra Zeus usa de seus poderes para persuadir a filha Afrodite a deitar-se com um mortal o que é feito de maneira delicada e bem construída a fim de demonstrar o amor envolvido no ato. Ao despertar dos encantos persuadidos pelo pai, Afrodite, por vergonha, deixa o troiano Anquises e o adverte que, se o herói contasse a alguém sobre aquela noite de amor, morreria por um raio de Zeus.

O presente trabalho apresentará também referências de outros deuses e deusas que da mesma forma que Afrodite, são descritos com mais de uma abordagem sobre sua origem. Como exemplo, a deusa Athena que é reconhecida de forma primária como deusa da sabedoria. A deusa é lembrada também como a salvadora de cidades no entanto em algumas passagens temos o epíteto de “destruidora de cidades”.

Vale lembrar que da mesma forma que Afrodite, a deusa da caça Ártemis é descrita com duplo aspecto em sua personalidade. Por vezes é tida como deusa selvagem da caça, e de forma paralela é vista como uma deusa relacionada às mulheres virgens, protetora das jovens ao longo de seu

² Como por exemplo, Gisele Pimentel de Souza em *Os domínios de Cípris: representações de Afrodite entre a Grécia Homérica e Clássica*, e Giulina Ragusa em seu livro *Fragmentos de uma deusa*.

amadurecimento. Porém esse duplo aspecto da deusa virgem não é relacionado a possíveis diferentes versões de sua origem.

Outra obra a ser analisada será a tragédia de Eurípedes, *Hipólito*, levando em consideração que a tragédia apresenta um enfrentamento direto entre Afrodite e Ártemis, duas das divindades estudadas na presente pesquisa e aparecem como protagonistas da obra, onde disputaram as libações de direito nos sacrifícios e ritos dos mortais, isso porque o protagonista Hipólito comete uma *hýbris* ao declarar que o amor de nada o serve e deveria ser Ártemis, deusa da caça e da agricultura, a mais bela e mais cultuada entre todas as deusas, enquanto que Afrodite seria a última das deusas a receber seus sacrifícios. O desdém com a deusa do amor será o ponto inicial para sua decadência de forma semelhante como acontece em *As Bacchantes*¹, obra em que o desrespeito e a *hýbris* contra Dionísio levam Penteo à desgraça.

3 METODOLOGIA

Este estudo procura colocar em debate a questão entre as diferentes origens para o mito da deusa do amor Afrodite para com efeito estabelecer a existência de duas deusas do amor ou apresentar a leitura de apenas uma única deusa de diferentes faces. Para isto, serão apresentadas duas hipóteses a serem discutidas, sendo elas:

- 1 – As duas versões do mito de Afrodite construiriam uma única deusa que representaria as diferentes faces da deusa.
- 2 – A versão do mito de Afrodite de acordo com Hesíodo focalizaria a deusa a partir de um ponto de vista sentimental, enquanto a versão apresentada por Homero descreveria uma deusa relacionada às questões carnavais.

De acordo com as hipóteses apresentadas foram traçados os seguintes objetivos para que se comprove ou refute tais ideias:

- 1 – Analisar ambas as versões do mito para, a partir de então, ler a representação de Afrodite como apenas uma deusa com duas origens possíveis.

2 – Caso haja de fato uma representação de duas deusas diferentes, destrinchar suas características traçando um paralelo entre elas e entender como se revela a coexistência de duas deusas do amor.

Com o intuito de alcançar os objetivos traçados, este trabalho se valerá de obras da literatura grega que trazem consigo passagens sobre a personalidade e o comportamento de Afrodite, assim como referências de outros deuses e deusas que, da mesma forma que Afrodite, possuem mais de uma abordagem na mitologia. Por fim utilizo artigos de helenistas que buscam em seus estudos aprofundar os conhecimentos sobre Afrodite.

Contudo, acredito que o projeto represente uma contribuição para os estudos Clássicos no que concerne melhorar o entendimento da representação singular de Afrodite, que por muito tempo foi vista como uma divindade secundária devido a sua possível proveniência da cultura ocidental devido a fatores como a complexidade da etimologia de seu nome e a proximidade da Ilha de Chripe com o Oriente.

4 REPRESENTAÇÕES DE AFRODITE

Levando em consideração que a *Teogonía*, de Hesíodo, e a *Odisseia*, obra homérica são as mais importantes obras da literatura clássica no que concerne a difusão da mitologia grega na literatura, a presente pesquisa se valerá destas obras para uma análise nas duas versões mais conhecidas do mito de Afrodite, sendo elas Afrodite Urânia, filha de Urano e sem mãe, e Afrodite Pandêmia, filha de Zeus e Dione.

Iniciaremos as análises de Afrodite pela obra hesiódica tendo como critério a cronologia de acordo com Platão, isso porque se considerarmos a coexistência de duas deusas distintas seria a filha de Urano a mais velha, como afirmado, em o *Banquete*: "Uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de urano". (*symp. 180e, pág. 47*)

4.1 AFRODITE URÂNIA

Para melhor entendimento desta versão do mito devemos analisar a origem da deusa segundo o canto de Hesíodo:

“O pênis, tão logo cortando-o com o aço
atirou do continente no undoso mar,
aí muito boiou na planície, ao redor branca
espuma da imortal carne ejaculava-se, dela
uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina
atingiu, depois foi à circunfluída Chipre
e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva
crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite.
Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia
apelidam homens e Deuses, porque da espuma
criou-se e Citeréia porque tocou Citera,
Cípria porque nasceu na undosa Chipre,
e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz.”
(Teogonia, vs. 188-200)

Fazendo menção ao nascimento da deusa, teremos como epíteto principal na obra hesiódica “Amante-do-pênis”, pois, aqui, temos uma divindade nascida apenas do contato do *falo* de Urano com a espuma branca do mar, portanto, sem mãe. Nesta versão do mito - de acordo com alguns estudiosos como Gisele Pimentel de Souza em *Os domínios de Cípris: representações de Afrodite entre a Grécia Homérica e Clássica* (2012) temos Afrodite como uma divindade sentimental ligada às questões dos amantes, inflando seus peitos com belos discursos. Podemos entender esta característica da deusa através da influência de sua origem, já que seu nascimento ocorre a partir da ruptura de um momento de amor entre Gaia e Urano ao serem interrompidos pelo filho Cronos a mando da mãe, neste momento é separado o masculino do feminino, já que antes Gaia, a terra, e Urano, o céu, mantinham-se conectados não separando claramente esta dualidade. A partir de então a união entre os homens tendo *éros* como instrumento de realização do amor seria necessário a conquista, ou como aparecerá explicitado em o *Banquete* o *éros* funcionará, ao lado de Afrodite, como uma forma de conquista daquilo que não se possui.

Podemos encontrar ainda em diversos autores que escreveram, tais como Gilse Pimentel, Giuliana Ragusa e Jean Rudhart, e que cantaram, como Homero e Hesíodo, indícios sobre a origem de Afrodite Urânia que apresenta

uma forte relação mantida entre a deusa do amor e o mar, que neste trabalho será exemplificado pelo *hino homérico VI*:

Cantarei a bela Afrodite de coroa de ouro,
Deusa venerando que se tornou Senhora de todos os adornos de
Chipre]
que fica junto ao mar, onde o forte sopro úmido de Zéfiro a levou,
do alto da onda do mar ressoante,
entre a branda espuma. As horas, de diademas de ouro,
a acolheram com alegria e lhe deram vestes imortais,
sobre a cabeça divina elas colocaram uma bela e bem trabalhada
coroa de ouro, nos lóbulos da orelha, brincos
de flores de ouropel e de ouro precioso;
(*hin Hom. VI, vs. 1-9*)

A passagem aqui escolhida elucida a estreita relação entre Afrodite Urânia e Afrodite Pandemia, já que os *Hinos Homéricos* anteriormente atribuídos a Homero³ fazem referência a Afrodite de tradição hesiódica com grande afinidade com o mar devido ao seu nascimento. Esta ligação é uma referência ao nascimento da deusa na versão hesiódica que, assim como outras divindades, possuem na etimologia de seu nome um esclarecimento mítico acerca de sua personalidade. No entanto, no caso de Afrodite temos apenas um traço desta ligação, onde a primeira parte –*afro* nos remete a espuma (seja ela apenas a espuma do mar, ou a mistura do esperma de Urano com a espuma do mar). Para a segunda –*dite* não foi possível estabelecer, na bibliografia pesquisada uma possível origem, além da especulação de que poderia ter relação com uma suposta origem oriental de Afrodite que se atribui ao fato da geografia da ilha de Chipre se aproximar do lado mais oriental do continente, assim como outros indícios que remetem ao Oriente .

Para melhor embasar essa teoria será feito uso da obra *Fragmentos de uma DEUSA – A representação de afrodite na Lírica de Safo*ⁱⁱ da estudiosa Giuliana Ragusa quem indica uma inconsistência na explicação hesiódica para a etimologia do nome de Afrodite por tratar apenas da primeira parte do nome - *Aphros* que significa “espuma” aclarando que “[o] poeta, embora reitere que Afrodite é *aphrogenéa* (“nascida da espuma”) no problemático verso 196, nada afirma sobre a segunda metade do nome –*dite*, que é objeto de muitos debates.” (2010, pg. 147).

³ Obra assim nomeada por ter sido atribuída a autoria de Homero na antiguidade.

A autora cita ainda outros helenistas como, por exemplo, William Hansen que irá questionar em seus trabalhos qual seria a natureza da espuma citada por Hesíodo, podendo ser uma referência a espuma do mar, a espuma do esperma, ou ainda uma mistura entre a espuma do mar e do esperma. E quanto a esta teoria Ragusa chega à seguinte conclusão:

Conforme essa razoável interpretação o nome ganha duas das marcas fundamentais da deusa tanto na literatura quanto em seus cultos: o sexo e a forte relação que Afrodite mantém com o mar e ou a água, a qual se revela em suas representações e em sua geografia mítico-religiosa e poética – a segunda, sobretudo insular -, em certos rituais e na localização e função de alguns de seus santuários. (2010, pg. 147).

Assim, portanto, concluo a análise do mito de Afrodite Urânia, ressaltando que, serão excluídos deste estudo a corrente que traz Afrodite como uma extensão de mitos orientais, principalmente no que concerne a versão hesiódica do mito, já que a história de sucessão de Urano-Cronos é única da épica grega, como apresentado por Ragusa (2010).

4.2 AFRODITE PANDEMIA

A representação para a origem de Afrodite através da *Ilíada* de Homero aparecerá de forma menos esclarecida do que na obra hesiódica, isso porque de seu nascimento, de acordo com Homero, sabemos apenas que ela é fruto da relação de Zeus, deus dos deuses com Dione, rainha das ninfas. Vejamos:

Corre a acolher-se a divina Afrodite ao regaço de Dione.
Toda desvelos, a mãe carinhosa nos braços a ampara
e, acariciando-a, lhe diz as seguintes palavras aladas:
“Qual das deidades urânias te fez esse dano, querida,
como se à vista de todos houvesse um mal praticado?”
(*Ilíada*, Hom. vs. 370-374)

Afrodite Pandemia é retratada como uma deusa vulgar e vingativa que se volta para o amor dos jovens que na idade da maturação estão mais

preocupados com os prazeres da carne do que com o enriquecimento do espírito.

Ares, ao ver que já Hefesto, o ferreiro famoso, saíra.
Cheio de ardor, para unir-se à Citereia de bela coroa,
logo procura a morada de Hefesto, o notável ferreiro.
Ela chegara de pouco da casa do pai, o fortíssimo
290 Cronida, e sentada se achava, quando Ares entrou no quarto.
Com gracioso meneio lhe toma da mão e lhe fala:
“Vamos, querida, ao prazer inefável do leito entregar-nos.
Não se acha em casa o ferreiro; a estas horas se encontra a caminho
do povo Síntio de língua travada, que em Lemno demora.”
Isso falou. De bom grado resolve subir para o leito,
onde ambos, logo, se foram deitar;
(Odisséia, Hom. vs. 286-296)

A passagem homérica acima explicita a forma como Afrodite Pandemia representa uma deusa do amor que prioriza os prazeres carnavais, ao passo que mesmo sendo casada com Hefesto não honra as obrigações do matrimônio em manter-se fiel a seu marido, e mesmo quando cai na armadilha de Hefesto e é exposto diante todos os deuses e deusas seu relacionamento extraconjugal com Ares, a deusa que ama sorrir não é julgada, pois, entregar-se a paixão faz parte de sua essência não podendo assim ser repudiada ou castigada neste contexto. Para melhor elucidar esta vertente do mito será citado uma passagem da tragédia euripídiana *Hipólito*, levando em consideração ser este outro autor que compreende o mito de Afrodite através da mesma ótica que Homero.

“Magna entre humanos e jamais anônima
no céu urânia, chamam-me de Cípris.
Morador além-do-mar, nas fímbrias de Atlas,
quantos avistem o esplendor solar
favoreço o piedoso a mim solícito,
mas aniquilo quem no pensamento
me desdenhe: também apraz ao deus
o dom que o homem lhe destine. Em breve
demonstrarei que falo o que é verdade.”
(Hipp. vs. 1-9)

É necessário ressaltar que, mesmo Afrodite Pandemia sendo retratada como uma imagem feminina de sortilégio e muitas vezes como vingativa e funesta, a deusa não perde seu *status* de deusa do amor. Além disso, segundo na versão apresentada por Homero na Odisseia, a deusa é representada como

protetora do amor sensual, assim como deusa da beleza e dos adornos. Não podemos esquecer ainda que para Platão, em o *Banquete*, este amor apresentado por Afrodite Pandemia é considerado o amor feio, em contraposição com Afrodite Urânia que exercerá o amor belo, já que Platão é outro autor que de acordo com o discurso filosófico, também apresentará uma imagem de Afrodite representada por duas deusas estabelecendo a coexistência de duas deusas do amor.

“ora pois, o Amor de Afrodite Pandêmia é realmente popular e faz o que lhe ocorre; é a ele que os homens vulgares amam. E amam tais pessoas, primeiramente não menos as mulheres que os jovens, e depois o que neles amam é mais o corpo que a alma, e ainda dos mais desprovidos de inteligência, tendo em mira apenas o efetuar o ato, sem se preocupar se é decentemente ou não; daí resulta então que eles fazem o que lhe ocorre, tanto o que é bom quanto o seu contrário. Trata-se, com efeito, do amor proveniente da deusa que é mais jovem.” (Symp. 181c).

No entanto, no *Hino Homérico V*, temos a representação de uma deusa que caminha entre as descrições de Afrodite Urânia e Afrodite Pandemia, a qual é retratada de forma doce, pois, ainda que sob os encantos do pai, deixa-se dominar pelo amor de Anquises e quando recobrada plena consciência, exerce suas características negativas ao amaldiçoar o príncipe troiano que morre ao se vangloriar de ter dormindo com uma deusa. Era, segundo a tradição grega, uma vergonha para os deuses que se deitassem com um mortal.

“Se qualquer homem mortal lhe perguntar
Quem é a mãe que levava seu amado filho no ventre,
Lembra-te de explicar assim como eu te ordeno:
- Dizem que ele é filho de uma ninfa fresca como um botão de rosa,
Daquelas que habitam estas montanhas revestidas de bosques.
Se disseres, vangloriando-te irrefletidamente em teu espírito,
Que tu te uniste em relações amorosas com Citereia de bela coroa,
Zeus, em sua cólera, lançará sobre ti o raio flamejante.
Está tudo dito, sê prudente em teu espírito e preserva-te,
Sem nomear-me. Teme a cólera divina.
Assim falando, ela se lançou no céu batido pelos ventos.
Salve, deusa, que reina sobre Chipre bem construída;”
(*hin hom. V* vs. 281-292)

Através da presente pesquisa temos, portanto, de forma clara um paralelo entre duas deusas do amor, onde uma é filha de Urano e não possui

mãe, é chamada de Afrodite Urânia, a mais velha, e é a responsável pelo amor belo e puro, que enriquece o ser no que concerne a valorização da alma; a outra é filha de Zeus e Dione e é reconhecida como Afrodite Pandemia, uma deusa mais jovem que se volta para o amor sensual e efêmero, preocupando-se somente com os prazeres da carne, geralmente relacionada ao amor dos mais jovens. Vale ressaltar que antes de Platão não encontramos evidências sobre especulações ou estudos que investigassem a coexistência ou a relação entre as duas versões do mito, o que é interpretado nesta pesquisa como um indício de que a coexistência de duas deusas do amor eram igualmente aceitas e cultadas na Grécia antiga.

5. DEUSAS CASTAS

Esse capítulo é especial para tratar das deusas castas, pois, segundo os *Hinos Homéricos* apenas três deusas são imunes aos encantos de Afrodite de belos cabelos, seja Afrodite Urânia seja Afrodite Pandemia. Para entender a particularidade das três deusas castas iremos analisar a seguir cada uma das três deusas de acordo com a indicação na obra hino homérico V.

Conta-me, Musa, sobre os trabalhos de Afrodite de ouro,
de Cípris que fez nascer o doce desejo nos deuses
e submeteu a raça dos homens mortais,
dos pássaros vindos de Zeus e todas as feras selvagens
que a terra nutre em grande número tanto quanto o mar.
Todos são objetos de cuidado dos trabalhos de Citereia de bela coroa.]

Mas há três corações que ela não pode persuadir nem seduzir:
a filha de Zeus, que porta a égide, Atena de olhos brilhantes.
A ela não agrada os trabalhos da dourada Afrodite,
são as guerras que ela ama e o trabalho de Ares –
os combatentes e as lutas, do mesmo modo que se ocupa dos
trabalhos esplêndidos.]

à primeira, ela ensina aos artesãos que vivem sobre a terra
a fazer carros de quatro rodas e também de duas rodas ornadas de
bronze.]

É ela que ensina as ternas virgens, em seus santuários,
os esplêndidos trabalhos, para os quais ela põe o gosto na alma de
cada uma.]

Jamais Afrodite que ama sorrir poderá submeter
às leis do amor a brilhante Ártemis de flechas de ouro.
a ela agrada o arco, a matança de caças nas montanhas,
as fórmices, os coros, os claros clamores,

os bosques umbrosos e a cidade dos homens justos.
Nem sequer a Virgem Venerável se compraz com os trabalhos de Afrodite-]
Héstia – a qual Crono engedrou por si mesmo, a primeira
e também a mais jovem, segundo a vontade de Zeus porta-égide,
a Senhora que foi desejada por Posídon e Apolo.
(*hin. hom. V vs. 1-24*).

Desta forma compreendemos a partir da passagem acima que apenas Athena, Ártemis e Héstia são imunes aos encatamentos de Afrodite, levando em consideração que as três deusas castas constituem com a deusa do amor uma linha tênue que as separa devido as particularidades que serão esmiuçadas a seguir.

5.1 ATHENA

Deusa da astúcia, *Palas-Athena*, a porta égide, filha de Zeus, protetora das cidades, que se ocupa das estratégias de guerra e se opõem aos encantos da bela Afrodite, de acordo com o *Hino Homérico V*. Sobre este hino é necessário fazer uma ressalva no que concerne os versos de número oito, nove e dez, onde se estabelece que “...a filha de Zeus, que porta a égide, Athena de olhos brilhantes. / A ela não agrada os trabalhos da dourada Afrodite, / são as guerras que ela ama e o trabalho de Ares...”. Esta ressalva explicita a passagem na obra de Gisele Pimental de Souza que diz ser uma inconstância afirmar que os domínios entre os deuses são bem resolvidos, e o fato de Athena ser imune aos encanto da bela Afrodite, mas ainda assim ser capaz de amar algo ou alguém, consolida as expectativas da helenista.

Em relação a origem de Palas-Athena, segundo a *Odisséia*, o nascimento desta deusa se deu através do engendro de Zeus, pai de todos os deuses, que após enganar Métis, deusa da sabedoria, a engoliu viva quando já estava grávida de Athena de glaucos olhos. Sua origem muito nos esclarece acerca de sua importância divina, isso porque por um lado a deusa tem como pai Zeus, divindade soberana do Olimpo, deus dos deuses; por outro lado sua mãe é Métis, deusa da sabedoria. Portanto, temos aqui uma deusa fruto da união entre duas figuras que naturalmente emanam poder e sabedoria.

Palas Ateneia, gloriosa deusa, comece eu a cantar,
a de glaucos olhos, muito astuta, com implacável coração,
virgem veneranda, protetora de cidades, vigorosa,
Tritogênia, a que o próprio Zeus, astuto, gerou
de sua augusta cabeça, com bélicas armas
áureas totalmente reluzentes; reverência tomava todos os imortais
que a viram; e ela, diante de Zeus porta égide,
impetuosamente lançou-se da imortal cabeça
brandindo aguda lança; o grande Olimpo trepidou
terrivelmente sob força da de olho reluzente; em torno, a terra
terrivelmente gritou, e movimentou-se o mar
em ondas purpúreas, agitado, e a água salgada deteve-se
subitamente; esplêndido, o filho de Hipérion susteve
seus cavalos de rápidos pés por um bom tempo, até que a virgem
tirasse de seus imortais ombros as divinas armas,
Palas Atenaia; e exultou, astuto, Zeus.
(hin. Hom. XXVIII vs.1-16).

O curioso nascimento de Athena, a partir da cabeça de Zeus pai, representa, segundo estudiosos como Flávia Marquetti, uma imagem análoga ao nascimento de Afrodite Urânia. Isso porque a abertura da cabeça de Zeus a partir de um machado feito por Hefesto para que Athena pudesse sair, faria referência ao momento em que Cronos corta o falo de Urano com uma foice forjada pelos Ciclopes. Portanto, a castração do falo de Urano teria dado luz a deusa do amor celeste, da mesma forma que a “castração” da cabeça de Zeus nos introduziu na literatura a deusa da astúcia.

As deusas Afrodite e Athena apresentarão na literatura constantes confrontos, sendo o maior deles a disputa na Guerra de Troia, onde a de glaucos olhos luta pela proteção de Odisseu e seus companheiros, enquanto que a de belos sorrisos combaterá em favor dos troianos. O enfrentamento mais incisivo entres as deusas ocorrerá no canto V da Ilíada quando Diomedes ajudado por Athena irá ferir Afrodite.

“Podes, com todo o teu brio, lutar com os Troianos, Diomedes,
pois no imo peito te faço nascer a indomável coragem,
própria do grande Tideu picador, quando o escudo vibrava.
Vou desfazer a caligem que os olhos brilhantes te cobre,
que distinguir, facilmente, consigas os deuses e os homens.
Não te aventures, jamais, a lutar contra os deuses eternos,
caso te venha tentar algum nume do Olimpo elevado;
contra nenhum; mas se a filha de Zeus poderoso, Afrodite,
se aventurar a lutar, então fere-a com o bronze afiado.”
A de olhos glaucos, Atena, afastou-se ao dizer tais palavras.
(Ilíada vs. 124-134)

A partir da passagem acima é possível entender portanto, que a relação entre Athena e Afrodite não será apresentada de forma amigável e contará com mais de um episódio onde as deusas se enfrentarão, da mesma forma que a relação de Afrodite e Ártemis será contada muitas vezes de forma hostil.

5.2 ÁRTEMIS

Deusa da caça, detentora do arco e da lira, Ártemis é outra divindade que ignora os belos sorrisos de Afrodite. Filha de Zeus e de Leto, irmã de Febo Apolo, a selvagem Ártemis torna-se uma divindade curiosa quando sob um olhar profundo apresenta uma ampla responsabilidade ao cuidar não só dos bosques e das matas selvagens, mas também quando responsável pela maturação dos jovens.

Desta maneira Ártemis não exerce liderança somente sobre as selvas e os mangues, mas também sobre mulheres castas, assim como sobre as meninas virgens antes de serem introduzidas à civilização por Palas-Athena, conforme afirma Flávia Marquetti em seu ensaio para a obra *Hinos Homéricos* “como Ártemis, Athena auxilia na educação das jovens e lhes permite entrada no mundo civilizado da *pólis*. As jovens ursas de Ártemis completam o período que as levam à maturidade plena junto de Athena.” Pág. 225.

Canta, musa, a Ártemis, irmã do que fere de longe,
a virgem arqueira que foi nutrida com Apolo.
Ela dá de beber a seus cavalos no Meles,
junto ao junco espesso, e depois lança seu carro de ouro velozmente
através da Esmirna até chegar a Claro, rica em vinha, onde Apolo, o
Arqueiro do arco de prata
senta-se esperando a Arqueira lançadora de flechas.
(hin. Hom. XIX vs.1-6)

Pouco se é conhecido a respeito do nascimento de Ártemis, o que se tem claro, no entanto, é que assim como Palas Athena a deusa já no ato de seu nascimento é declarada virgem. Esta particularidade entre as deusas as une na responsabilidade de acompanhar o crescimento dos jovens, pois é através de seus rituais que as meninas deixaram de ser crianças selvagens e

assumirão o *status* de mulheres da sociedade, assim como os efebos se tornarão cidadãos prontos para cumprir com suas responsabilidades na *pólis*.

Ártemis junto à Afrodite representará o ciclo da vida, a partir do momento em que a deusa protegerá suas virgens (*parthenoi*) cuidando de sua educação até a vida adulta, enquanto Afrodite se preocupará em ensiná-las o dom do adorno e da beleza quando já não mais forem virgens. Após o início da vida adulta as mulheres só voltarão a cair nas graças da deusa da caça no momento do parto.

Segundo estudiosos como Vernant (1988, p.26) o momento do parto é o último estágio antes da passagem por completo no ciclo de menina para mulher, levando em consideração que, desencadeado pelos encantos de Afrodite que levam a consumação do amor, é um momento em que os gritos e delírios da mulher remetem à selvageria dos animais. Assim, Ártemis cuida da maturação dos jovens até o momento em que Afrodite os prepara para o amor que quando em fato consumado gerará novos filhos para que se inicie mais um ciclo com Ártemis.

No entanto, esta relação entre as duas deusas não se dará somente de forma doce e amigável. Por muitas vezes as deusas Afrodite e Ártemis se enfrentaram como nos apresenta Eurípes na tragédia *Hipólito*.

Deixa estar! Mesmo no temor subterâneo,
a cólera de Cípris que abateu
o corpo, em decorrência de tua índole
e comiseração, terá revide,
pois minha própria mão há de arrojá-
dardos certos contra o ser humano
por quem demonstre mais apreço. Miserô,
pelo revés sofrido, honores magnos
terás na cidade de Trezena:
donzelas pré-nupciais ofertam fios
da coma que apararem. Colherás
por muito tempo a imensa dor do pranto.
Em tua memória, virgens cantarão
Eternamente, e Eros, o que Fedra
Sentiu por ti, não silêncio anônimo.
(*Hipp*, vs. 1.416-1.430)

O confronto apresentado na tragédia euripiana tem como ponto de partida a declaração de Hipólito, quem diz ser o amor uma frivolidade, portanto

Afrodite deveria ser a última das deusas a ser cultada e honrada nos grandes sacrifícios. No entanto, o peleida tinha enorme prazer na caça e nos dons de de Ártemis, acreditando que deveria ser esta deusa a ser considerada a mais bela e mais importante deusa do Olimpo.

Para tomar seu lugar de direito nos rituais Afrodite faz com que Fedra, madrastra de Hipólito, apaixone-se perdidamente pelo enteado desencadeando uma série de acontecimentos que o levam a morte. É importante resaltar que em mais de uma passagem os sábios da época advertiam que todos os deuses e deusas deveriam ser igualmente amados, honrados e cultuados, e aquele que não o fizesse sofreria com as consequências da raiva do nume desprezado.

5.3 HÉSTIA

Apresentada como deusa do lar, Héstia é uma divindade pouco presente na literatura grega apesar de sua grande importância no âmbito mítico-religioso. Sua ausência em grandes obras ocorre por ser uma divindade pacífica, que não toma partido nas guerras, buscando sempre a paz.

Mesmo com sua origem pouco esclarecida é sabido que diferentemente de Palas Athena e Ártemis, Héstia não é declarada virgem no ato de seu nascimento. A deusa opta por permanecer para sempre virgem no momento em que Apolo e Posídon começam a disputar por seu amor. Por ter mantido a paz no Olimpo através deste ato, Zeus lhe concede a prerrogativa de ser a primeira honrada em todo sacrifício privado ou público, como apresentado no *Hino Homérico XXIX*.

Héstia, que nas altas moradas entre todos
os deuses imortais e os mortais que caminham sobre a terra
recebeste assento eterno, um sinal de deferência,
tens admirável prerrogativa e honra; sem ti
não há festins para os mortais, onde o iniciante não verta
a oferenda inicial e final de vinha doce como o mel à Héstia.
(hin. hom XXIX vs. 1-6)

De acordo com Sílvia M. S. De Carvalho em seu ensaio na obra *Hinos Homéricos XXIX*, na antiguidade todas as casas gregas possuíam uma pilha de

carvão ou um vaso de calcária que abrigavam permanentemente uma chama de fogo acesa para representar reverências a deusa do lar.

5.4 CONCLUSÃO DA ANÁLISE DAS DEUSAS CASTAS

Finalizando assim a análise das três deusas castas, podemos observar que o que as une entre si e as separa de Afrodite é justamente a pureza e carnalidade. Ao passo que as deusas castas estão voltadas ao universo do lar, da educação, e da mediação, Afrodite é vista sob um olhar de malícia, impureza e sensualidade, mesmo quando de acordo com a origem de Afrodite Urânia a deusa se afasta dos domínios das deusas castas a partir do momento em que se une ao éros para a união física e emocional dos homens.

Com isso passaremos a analisar o mito de deuses que assim como Afrodite possuem características paradoxais (da maneira que Afrodite é retratada como deusa do amor, mas é considerada também uma deusa funesta) e no entanto, não são retratados como duas versões de uma mesma divindade, mas como um única deusa.

6. OS DOMÍNIOS DE ATHENA

Aqui será analisado a personalidade paradoxal de Palas Athena, que terá um importante papel na *pólis* que esta muito além de ser somente deusa da sabedoria, sendo ela responsável por grandes inventos como o mito da criação da oliveira que deu a deusa soberania na cidade de Athenas, a invenção do carro de batalha, patrona na fiação e assim como Ártemis, Palas Athena terá papel fundamental na educação das jovens.

Deusa da caça, Ártemis, cuidará da infância das crianças, durante seu período de aprendizagem como seres selvagens, até o momento da maturação quando Palas Athena será a responsável por introduzir os jovens à civilização. Apesar de a representação primeira de Palas Athena ser a de deusa da astúcia e da *pólis* (cidade) podemos encontrar também a deusa sendo descrita como a deusa destruidora de cidades (*persépolis*) devido a sua recorrente presença nas guerras e ao seu desempenho como podemos ver no seguinte hino homérico:

Por Palas Atena, protetora da cidade, começo a cantar,
juntamente com Ares se ocupa dos trabalhos de guerra,
da destruição de cidades e do combate. Ela
também protege o soldado que parte e o que retorna
Salve, deusa! E dá-nos sorte e prosperidade.
(*Hino hom. XI vs. 1-5*)

A imagem paradoxal atribuída a Athena decorre da proximidade da deusa para com as guerras, sendo este o âmbito do deus da guerra, Ares. No entanto, a afeição que une Palas Athena aos assuntos bélicos se dá de maneira diferente de Ares, isso porque o deus da guerra representa a personificação da violência em guerra, atribuindo irracionalidade e agressão. Enquanto que Athena busca na guerra a satisfação de seus desejos pelo usufruto da sabedoria como estratégia. Por isso é necessário registrar que devido a estes aspectos não é comum que os dois deuses sejam invocados em conjunto já que representam diferentes aspectos de combate. Tendo em Palas Athena uma figura recorrente em combates, nos quais a deusa será muito lembrada como uma deusa destruidora de cidades (*persépolis*), levando em consideração que lutando pelo aspecto da estratégia a deusa contará com maior número de vitórias do que Ares, que busca êxito em seus combates através da força. Com isso temos uma forma sutil de como os poetas introduziam a ideia de que o saber vence a violência.

7. AFRODITE UNA

Torna-se fundamental a apresentação de fragmentos que demonstrem Afrodite de forma odiosa e doce em uma mesma passagem, isso porque é a partir deste ponto que será especulado a possibilidade de que Afrodite Urânia e Afrodite Pandemia representariam na verdade duas versões de uma mesma divindade, da mesma forma que Athena será representa em seus cantos como uma deusa firme e astuta que irá consolidar uma imagem dúbia entre uma deusa que ora é protetora das cidades, ora é destruidora de cidades.

Para exemplificar tal afirmação será apresentado um trecho do Idílio 1, Tírsis, onde o próprio Tírsis entoa um hino às Musas que traz a representação

da relação Afrodite para com Dáfnis, além da forma como os homens no geral vêm a deusa do amor.

Cantai a bucólica, Musas, de novo cantai a canção.
Veio também, com efeito, a doce Cípris sorrindo
- dentro sorrindo, e por fora com o humor bastante severo -,
e disse-lhe: "Tu, que rogaste para dobrar Amor,
Dáfnis, por cruel Amor não foste tu mesmo dobrado."
Cantai a bucólica, Musas, de novo cantai a canção.
A essas palavras Dáfnis "Cípris difícil" opôs,
"Crípris que irritas, Cípris tão odienta aos mortais,
julgas, acaso, que todos os sóis para mim se puseram:
Dáfnis té mesmo no Hades a Amor há de ser dura pena.
(Idílio 1, *tírsis*, vs. 94-103)

Temos portanto na representação de Afrodite, de acordo com Tírsis uma deusa sorridente, mas com humor bastante severo. Desta forma pode-se ressaltar que na passagem o "Amor" (éros) é atrelado ao adjetivo "cruel", assim temos que independente da genealogia Éros é apresentado como seguidor de Afrodite, um instrumento subjugado aos planos a amante do pênis. Portanto, sendo a deusa que ama sorrir odiosa e cruel será também odioso e cruel o Éros.

Esta representação de Afrodite foi já introduzida quando na tragédia de Eurípedes-, *Hipólito* vs. 1-9 a própria deusa se apresenta na obra como uma divindade de múltiplas faces que pode conceder o bem ou o mal aos mortais, levando-os aos belos discursos de amor da mesma forma que pode encaminhá-los as brutas ações de ódio. E como se mostrando uma deusa odiosa para com o homem que a despreze será apresentada a vitória de Afrodite, tanto pela morte de Fedra, quanto pela morte do próprio Hipólito, além da decepção de Teseu quem mandou matar o próprio filho após perder a esposa.

Mas haverá melhor saída
Alegrarei quem me arruína, Cípris,
ao estancar o sopro que em mim vive
nesta jornada. O amor venceu-me amarro.
Alguém mais haverá de padecer
com minha ausência. Empáfia não revelada
com meu pesar. Da doença que padeço
partilha e aprende a ter melhor discrição."
(*Hipp*, vs 724-731)

Ainda na tragédia euripidiana, é necessário lembrar que todos os coros apresentados pelo autor são de alguma forma hinos a Afrodite, nos quais Eurípedes constrói uma deusa que ama sorrir, é doce e benévola quando moderada, no entanto, torna-se terrível e funesta quando excessiva. Esta representação é feita sem diferenciar Afrodite Urânia de Afrodite Pandemia, ainda que Eurípedes seja contemporâneo a Sócrates e ao jovem Platão, pois, como já elucidado antes, somente a partir dos discursos platônicos será especulada esta diferença entre as deusas.

Para o estudioso Rudhardt (1996) a coexistência de duas versões de um mesmo mito pode ocorrer caso ambas as versões exerçam a mesma linguagem mítica, ou seja, não havendo uma diferenciação entre a significação aparente e a significação mítica. Vemos que mesmo com a possibilidade de origens diferentes a representação primeira de Afrodite é a de deusa do amor, que une dois corpos em um, sempre acompanhada do Éros. Esta proposta de Rudhardt (1996) segundo a interpretação de Gisele Pimentel de Souza em sua monografia nos esclarece que “Hesíodo expõe os deuses através de uma perspectiva de origens; narrando a formação do mundo e relatando o surgimento de diversas divindades até o momento em que Zeus impõe ao universo uma ordem definitiva.” (DE SOUZA, 2012 p.45). Por outro lado para a visão homérica apresenta um conjunto de “acontecimentos desenrolados entre os mortais bem mais tarde, no interior de um mundo onde Zeus já reinava. As funções que o amor exerce e os personagens que submete a sua vontade são diferentes em cada um deles.” (DE SOUZA, 2012 p.45)

8. AFRODITE E ÉROS

A relação entre Afrodite e Éros torna-se parte essencial desta pesquisa, isso porque nas duas versões de seu mito a relação da deusa do amor para com o deus do amor é íntima e constante, portanto, esta relação representa a verdade mítica para a coexistência de Afrodite Urânia e Afrodite Pandemia.

De acordo com a tradição hesiódica temos Éros como um ser divino anterior a Afrodite, faz parte da primeira geração divina e apesar de não ter gerado sua própria descendência é exatamente neste campo que ele age, ao

passo que o deus se torna a personificação do sentimento entre os homens, incubindo aos mortais a união. Na *Teogonia* é encontrado sob o epíteto de “solta membros” (*lysimelés*), pois, como afirma Gisele Pimentel o Éros representa “um desejo de acasalamento que avassala todos os seres, sem que seja possível opor-lhe resistência.” (DE SOUZA, 2012 p. 42).

E é justamente essa força que é fundida no peito de Fedra a mando de Afrodite, uma força incontrollável que quando contrariada é capaz de destruir não só a mente como também a carne. O ato de se opor a esta força pode ser entendido inclusive como uma forma de *hýbris* por contrariar a vontade de uma divindade.

Eis a senda na qual moveu-se a mente:
quando Eros me feriu, pus sob análise
como o suportaria belamente.
Calei no início, ocultei a doença,
sem me fiar a língua: porta afora,
são peritas em conselhos percucientes,
mas para si captura males múltiplos.
Meu passo posterior foi derrotar
com lucidez o que era insensatez.
Enfim, sem conseguir me impor a Cípris
pareceu-me razoável me matar,
a solução mais vigor – quem nega?
(*Hipp. vs. 391-401*)

Ainda segundo ela, podemos concluir que: “a partir do nascimento de Afrodite, Éros aparece com frequência lado a lado com ela. Aparece nas obras de diversos poetas com funções similares às da deusa, no entanto age de modo mais abstrato, literário e cósmico.” (DE SOUZA, 2012 p. 42)

Por outro lado, temos na tradição homérica uma linha genealógica em que Afrodite antecede a existência de Éros. Nesta tradição Éros aparece como filho da deusa do amor podendo ser fruto de uma relação com Hermes, Ares ou Hefesto conforme afirma Pimentel:

“Longe de incluir Eros e Afrodite entre os princípios originais, os situam entre os deuses mais recentes. Estes mitos, amplamente divulgados no mundo grego invertem a ordem de aparecimento das divindades e apresentam Eros como posterior a Afrodite. A deusa aparece como fruto da união entre Zeus e Dione, e Eros como seu filho, concebido de Hermes, Hefesto ou Ares.” (DE SOUZA, Gisele Pimentel, pág 44).

A função do Éros sob o olhar desta tradição não será muito diferente da tradição hesiódica ao representar o ato amoroso. No entanto, o filho de Afrodite terá um papel mais terno e singular levando em consideração que os seres primordiais, segundo Rudhardt (1996), apresentam uma figura grosseira e imprecisa, ou seja, não era necessária muita sutileza para uni-los.

A partir da cosmogonia os seres passam a se apresentar de forma mais individualizada, com sutilezas e campos melhores definidos fazendo com o que o trabalho de Éros, juntamente com Afrodite, ocorra também de forma individualizada do suplicante para com seu amante.

“Na proximidade inicial entre Gaia e Urano a força cosmogônica de Eros é suficiente para uni-los e garantir a geração da vida, a partir da castração de Urano são definidas as condições sob as quais a sexualidade seria exercida a partir de então, em um mundo cada vez mais diversificado.” (RUDHARDT, 1996).

A partir de então encontramos uma nova forma de representação da união entre os homens propriamente dita, o que segundo Pimentel implica dizer que “o amor e o desejo aparecem sujeitos ao rei dos deuses que lhe faz servir para manter uma ordem constante. É isso que o mito significa ao fazer de Afrodite a filha de Zeus.” (DE SOUZA, 2012 p. 46).

Podemos entender portanto, que a força avassaladora que é atribuída a Afrodite como deusa do amor (seja como celestial, seja como o amor popular) não é uma força cósmica única da deusa de belos sorrisos, mas um conjunto que é constituído através da relação entre Afrodite, Éros e Hímeros. Pimentel (DE SOUZA, 2012 p. 43) afirma que: Ao submeter estes dois deuses, toma para si e passa a utilizar seus poderes primordiais, desta vez orquestrados por seu gênio sofisticado.

9. CONCLUSÃO

Chegamos, portanto, à conclusão onde, através de obras da literatura grega clássica e de estudos de helenistas (no que concerne estudos sobre Afrodite) tentou-se entender *As faces de Afrodite*, a partir de objetivos previamente traçados.

Começo pelas representações de Afrodite, levando em consideração as duas vertentes mais conhecidas de seu mito, onde cronologicamente temos primeiro o nascimento de Afrodite Urânia, também conhecida como a deusa do amor celestial, que nasce a partir da castração do pênis de Urano por seu filho Cronos. A deusa nascida após a bruta interrupção da relação entre Gaia e Urano (que marca a separação do masculino e feminino) será responsável pelo amor em sua forma mais pura e para isso contará com a ajuda de seu ancestral Éros.

Seguindo, foi analisada a versão do mito de Afrodite, tendo como base a obra homérica *Ilíada*, que nos apresenta uma deusa fruto da união entre Zeus, patrono de todos os deuses, e Dione, rainha das ninfas. De acordo com esta a deusa é conhecida como Afrodite Pandemia, deusa do amor popular. Representada de forma vulgar e vingativa, Afrodite Pandemia é descrita por Eurípides como benévola quando bem cultuada, no entanto funesta quando desprezada. Faz-se necessário lembrar que em obras clássicas pesquisadas para este estudo só foram encontrados estudos sobre um paralelo entre as deusas a partir da obra platônica o *Banquete*.

Também houve uma breve análise acerca das deusas castas, investigando a relação de Afrodite com Athena, Ártemis e Héstia. Isto porque segundo a obra *Hinos Homéricos* apenas estas três deusas são imunes aos seus encantos. As três partes de análise estudam a relação de cada uma das deusas com Afrodite.

O relacionamento entre Afrodite e Athena não se dará de forma amigável, já que Athena é amante dos assuntos bélicos no que concerne o uso das estratégias de guerra e repudia os domínios de Afrodite, que se restringem aos assuntos do matrimônio (*gámos*). Se por um lado a ascensão de Afrodite Urânia da espuma do mar após a castração do falo de seu pai dá luz a deusa do amor, por outro teremos no nascimento de Palas Athena uma analogia a esta castração. Isso porque o ato de Hefesto de brandir a cabeça de Zeus para que Athena pudesse sair representaria a castração do pai de todos os deuses, dando origem a deusa da sabedoria.

Como a segunda deusa casta a estudada, Ártemis, deusa caçadora que assim como Athena logo após seu nascimento se declara eternamente virgem. O relacionamento entre Ártemis e Afrodite representa parte do ciclo da vida,

pois os domínios de suas ações não são entendidos como campos opostos, mas sim complementares. Além de deusa da caça, Ártemis age sobre o domínio das florestas e matas selvagens representando o cuidado com o que é puro e selvagem, desta forma ela será protetora das meninas virgens durante seu período de maturação até o momento em que estejam prontas para, sob os cuidados de Afrodite, tornarem-se mulher através do *gámos*. Uma relação que representa, portanto, a passagem da vida de menina a mulher.

Por fim, a terceira deusa casta que temos conhecimento, Héstia, deusa do lar, que possui pouca representatividade em obras literárias devido ao seu aspecto pacífico e ao seu comprometimento de não se envolver em assuntos bélicos, Afrodite também não goza de boa relação. No caminho contrário a castidade de Palas Athena e Ártemis a deusa do lar não se declara virgem no ato de seu nascimento. Somente quando Apolo e Posídon travam uma batalha por seu amor, ela temendo uma guerra no Olimpo, opta pela castidade.

Através destas análises é possível concluir que o afastamento de Afrodite para com as deusas castas se dá pelos seus domínios nos campos do amor, da beleza, e da sensualidade; levando em consideração que as deusas castas se reservam aos assuntos que concernem ao ingresso civilizatório na *pólis*, aos assuntos de pureza e dos seres intocados, e a manutenção do bem estar da pureza do lar.

Em um olhar detalhado sob Athena e sua personalidade paradoxal conhecemos duas vertentes de seu mito, a primeira onde Athena é a deusa da sabedoria, direcionando-se para o campo da astúcia, herança de sua mãe Métis. Por ser a deusa da sabedoria Palas Athena representa para os cidadãos da *pólis* uma salvadora, a partir do momento em que usa sua sabedoria para cuidar do bom andamento da *pólis*. No entanto é pelo âmbito da astúcia que vemos a segunda vertente do seu mito, onde a deusa é comumente vista em cenários de guerra em obras da literatura clássica e nestes cenários será reconhecida pelo de epíteto de destruidora de cidades (*persépolis*). Se não fosse por seus atos de benfeitoria a porta égide poderia ser facilmente denominada como deusa da guerra. Torna-se necessário registrar que Athena e Ares jamais são invocados ou cultuados juntamente, isso porque a deusa se aproxima dos assuntos bélicos para exercer os dons da estratégia, enquanto Ares busca na guerra o ardor da violência.

Procurou-se também esboçar uma visão única de Afrodite, mesmo existindo duas possibilidades para a origem de seu mito. Primeiro a partir do *hino homérico VI*, apresentado no capítulo quatro, onde na obra atribuída à Homero é relatado a proximidade de Afrodite com o mar através de sua origem hesiódica (nascida da espuma do mar). Em um segundo momento pela obra euripidiana, *Hipólito*. O tragediógrafo constrói uma deusa doce e funesta, e na obra em sua própria voz a deusa declara que “favoreço o piedoso a mim solícito, mas aniquilo quem no pensamento me desdenhe” (*Hipp. vs. 5-7*). Esta imagem da deusa do amor e da beleza seguirá por todo o desenrolar da tragédia euripidiana sem fazer diferença entre Afrodite urânia e Afrodite Pandemia.

A relação entre Afrodite e Éros ocorre de forma intrínseca e constante, está presente nas duas versões do mito de Afrodite. Hesíodo conta que Éros, que faz parte dos seres primordiais, atua como uma força cosmogônica que representa a personificação do amor puro e, a partir da ascensão de Afrodite da espuma do mar passa a andar lado a lado com a Amante do pênis preocupando-se com a geração da vida ao unir o amor entre os homens. Por outro lado, na tradição homérica primeiro temos a aparição de Afrodite no panteão grego e posteriormente Éros é apresentado na literatura como seu filho. Nesta tradição Éros também será fiel acompanhante de Afrodite e será encarregado da união amorosa dos homens sob a forma do amor puro. A coexistência destas duas vertentes do mito não só de acordo com a sua origem, mas também no que concerne a representação da personalidade de Afrodite se dá pela verdade mítica, ou seja, em ambas as versões a representação de Afrodite, assim como seu relacionamento com Éros, funciona para exercer essa força latente necessária para a união dos homens.

“Se só há uma Afrodite ou se são duas, a *Celestial* e a *Vulgar*, não sei. Até Zeus, que parece ser só um, tem vários nomes. O que sei, sim, é que cada uma delas tem altares separados, templos e rituais; mais livres e descontraídos, os da *Vulgar*; mais puros, os da *Celestial*. Será normal, então, supor-se que a *Vulgar* preside aos desejos do corpo e a *Celestial* aos da alma, aos da amizade e aos das boas acções.”
(Xenofonte, o *Bantequete* pág. 73.)

Concluimos através do *Banquete Apologias de Sócrates* de Xenofonte que, de fato há duas versões do mito de Afrodite que só foram postas na literatura de forma pragmática a partir de Platão, que tenta desvencilhar o olhar mitológico e pensar sob uma ótica mais filosófica, considerando o poder do discurso platônico que não é necessariamente vinculado a uma verdade mítica-religiosa. É primeira vez na literatura que encontramos um debate sobre a existência e a nomeação de Afrodite Urânia e Afrodite Pandemia. O olhar sob a obra de Platão mostra como a coexistência de ambas as deusas eram aceitas e bem recebidas tanto por seus contemporâneos, como por seus antepassados e ao menos por seus descendentes próximos, a partir do momento em que consideramos ser a obra apresentada em um debate sobre o amor, e podemos concluir assim que de acordo com o *Banquete* o que concerne o amor é um sentimento plural, não podendo assim ser resumido a uma única vertente, ou seja, tendo o amor mais de uma representação terá Afrodite necessariamente mais de uma representação.

Enquanto isso, obras como *Hipólito* representaria o senso comum dos cidadãos da época que não se preocupavam com a diferenciação entre Afrodite Urânia ou Afrodite Pandemia. Podemos perceber esta dupla aceitação de Afrodite pela diferenciação de ritos e templos direcionadas a Afrodite declaradamente como Urânia ou Pandemia de acordo com o apresentado na de Xenofonte.

Assim, observamos que tanto o legado de Hesíodo que apresenta Afrodite como filha de Gaia e Urano, quanto a herança de Homero que representa Afrodite como filha de Zeus e Dione eram versões de Afrodite aceitas pela Grécia antiga como versões de um mesmo mito sobre uma deusa do amor, da beleza e da sedução que era acompanhada por Éros, como personificação do sentimento puro.

Passa-se então a perceber que, assim como o Amor, Afrodite não pode ser apenas uma, pois se produzem várias através da sua personalidade, expressividade e da sua própria existência enquanto a deusa do amor, que é um sentimento plural, assim como encontramos uma pluralidade de vocábulos em grego que descrevem e nos levam a pensar em “amor”. Desta maneira, faz-se necessário concluir que é mais possível a existência de duas deusas, cada qual para o discurso de amor ao qual se deseja referir, do que pensar que uma

mesma deusa abarque a pluridimensionalidade de um sentimento tão plural e ao mesmo tempo singular como o “amor”.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE SOUZA, Gisele Pimentel. *Os domínios de Cípris: representações de Afrodite entre a Grécia Homérica e Clássica*. UFRJ, Rio de Janeiro. 2012.
- EURÍPEDES. *Hipólito*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: 34, 1 ed. 2015.
- HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Nova Fronteira, 2011
- HOMERO. *Hinos Homéricos*. Trad. Edvanda Bonavina da Rosa et. Al. São Paulo: UNESP, 1 ed. 2010.
- NOGUEIRA, Érico. *Verdade, contendias e poesias nos Idílios de Teócrito*. USP, São paulo. 2012.
- PLATÃO. *O Banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: 34, 2016.
- RAGUSA, Giuliana. *Fragmentos de uma deusa*. São Paulo: UNICAMP, 1 ed. 2005.
- RUDHARDT, Jean. *Le préambule de la Théogonie: la vocarion du poète et des Muses*. 1996
- XENOFONTE. *Banquete Apologias de Sócrates*. Trad. Ana Elias Pinheiro. Coimbra, 1 ed. 2008.

ⁱ *As Baccantes* ou *As Mênades* tragédia euripidiana que estreou postumamente no Teatro de Dionísio em 405 a.C.

ⁱⁱ Obra da helenísta Giuliana Ragusa que explora as representações de Afrodite.